



A Singularidade Urbana de Campos dos Goytacazes e a Universidade do III Milênio: Uma Memória Fotográfica

HELOIZA MANHÃES ALVES*

As transformações urbanas em Campos dos Goytacazes foram estrategicamente pensadas pelas elites locais como afirmação da modernidade e como construto da memória produzidas, inclusive, por imagens fotográficas que apontavam para a configuração da cidade adequada a ocupar o centro político e cultural no cenário fluminense. Imagens de edifícios, praças, reuniões políticas, a ida ao teatro Trianon permitem o entendimento das intervenções no espaço urbano, propiciadas por uma elite que buscava um modo de vida fundamentado no quadro da singularidade das práticas sociais definidoras do seu prestígio social e político na região norte fluminense. A fotografia se revestia de um caráter documental, um inventário das mudanças que expressavam a imagem de uma urbe opulenta e civilizada capaz de sediar grandes espetáculos culturais, além de apropriada para sediar uma universidade. Traz à tona um passado vivido e que faz sentido no processo de construção da memória inserida na política de valorização e disponibilização da documentação fotográfica e audiovisual, tendo sentido acadêmico e social no entendimento do papel da universidade na cidade de Campos dos Goytacazes. As imagens fotográficas, num acervo de aproximadamente 7.000 fotos impressas e 1089 negativos, além de 356 fotos já digitalizadas, permitem uma análise de cenários espaciais e sujeitos sociais, ampliando a visão do historiador. Como fonte de pesquisa representa fragmentos de tempos recortados, um produto cultural, registros da sociedade nos mais diversos âmbitos, um lugar de memória, se constituindo, também, como ferramenta social e política, imbuída da subjetividade do fotógrafo. Permite entender as relações entre imagens e memória, a universidade e a comunidade em seu entorno, se constituindo em peça fundamental no traçar a trajetória da universidade na região Norte-Fluminense. Partindo dessa premissa, este trabalho busca desenvolver uma reflexão acerca das imagens fotográficas, testemunhas oculares, expressão de informações significativas, tradutoras das representações da cidade moderna e ações da Memória construída como lócus da identidade representada pela singularidade urbana e pela sociabilidade de uma elite que buscava práticas sociais demarcadoras do seu prestígio social e político, refletindo a determinação da preservação e difusão da memória coletiva.

Palavras-chave:

memória - fotografia – identidade



*Doutora em Sociologia Política UENF/LESCE/CCH. Atualmente é coordenadora técnica no projeto Centro Memória UENF- CEM/UENF.

A Singularidade Urbana de Campos dos Goytacazes e a Universidade do III Milênio:
Uma Memória Fotográfica

HELOIZA MANHÃES ALVES

A modernização urbana de Campos dos Goytacazes vem a refletir as ações políticas da elite dominante, desde os fins do século XIX e o século XX, notadamente nos anos 1890/1920 e 1942/45 com as reformas urbanísticas, constituindo-se num empreendimento estrategicamente pensado pelas elites locais em busca de afirmação de Campos como metrópole regional, com condições de sediar a capital do estado do Rio de Janeiro. A construção da cidade moderna é vista como representação simbólica de práticas sociais estabelecidas para obtenção de maior influência econômica, social, política e cultural na região Norte Fluminense, como também, dentro do Estado do Rio de Janeiro. Assim, o espaço público urbano vai se delineando a partir dos interesses das elites locais que buscavam um modo de vida fundamentado no quadro da singularidade das práticas sociais definidoras do seu prestígio social e político.

Este trabalho objetiva refletir acerca das relações entre as imagens fotográficas, como memória visual de fundamental importância no entendimento do papel desempenhado pela cidade no sediar a universidade como locus do desenvolvimento da ciência e tecnologia capaz de alavancar o desenvolvimento regional. Assim, as representações da cidade moderna expressavam ações das elites com fins propagandísticos do progresso do município, de modo a garantir o seu lugar na região norte fluminense. Neste contexto propomos a análise das fotografias como uma possibilidade de investigação e descoberta que promete frutos uma vez que a sistematização das informações e o estabelecimento de metodologias adequadas de pesquisa e de análise permitem desvelar seus conteúdos, enfim a realidade que os originou e que representam meios de informação visual para a recuperação dos fatos passados.(KOSSOY, 2001)

Além de que, observa-se que o caráter da documentação fotográfica, textual, impressa e audiovisual do Centro de Documentação do Centro Memória UENF – CEM/UENF revela o impacto social-acadêmico da instalação de uma universidade no interior do estado, a universidade do III Milênio, numa cidade (Campos dos Goytacazes) que se constitui como



centro econômico, social, político e cultural de uma singular região – a região Norte-Fluminense, nos anos 1980ⁱ.

Portanto, representa uma conquista da Educação Superior brasileira e da região norte e noroeste fluminense, atendendo a cidade de Campos dos Goytacazes, Macaé e demais municípios em seu entorno, também um número significativo de alunos de outros estados brasileiros, como por exemplo, do Espírito Santo e Minas Gerais. É um elemento importante da trajetória de vida de professores, alunos, funcionários, enfim, indivíduos e grupos da sociedade em seu entorno e do Estado, não só pelas atividades desenvolvidas quanto do compartilhamento de vivências e experiências, construto da memória afetiva-institucional.

A Vontade de Transformar o Desejo em Realidade

A Universidade Estadual do Norte Fluminense é implantada em Campos dos Goytacazes, lócus escolhido dada a tradição cultural e opulência urbana, como também, pela intensa participação da cidade nos acontecimentos políticos e sociais. Sua criação se dá no pós 1988, dentro de uma reconfiguração das relações políticas no país, período marcado por eleições as Assembleias Legislativas, ao governo estadual, municipal, bem como, o retorno de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e tantos outros a cena política brasileira. Retomava o sonho de um país livre e democrático. Neste contexto, a UENF nasce não por uma decisão de gabinete do governo estadual, mas, sim, como resultado da mobilização popular em prol da instalação de uma universidade pública, moderna com o propósito de desenvolver as novas ciências e tecnologias e, assim, garantir a qualificação profissional, indispensáveis às novas demandas sociais; além de prover condições no desenvolvimento da região norte fluminense por meio dos instrumentos técnicos e científicos.

No processo de implantação e construção de sua identidade como uma Instituição Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, capaz de alcançar o domínio das ciências e das novas tecnologias, servindo de instrumento de diagnóstico das causas e problemas do atraso regional, a UENF contou com a contribuição de Darcy Ribeiro, seu idealizador, que formulou um Plano Diretor, contendo as diretrizes e a vocação pensada para então nova Universidade fluminense, também chamada por ele de *Universidade do Terceiro Milênio*.

Com a UENF, Darcy queria criar a “universidade da quarta idade, em que a pesquisa, o ensino e a experimentação se integrem no estudo dos temas e problemas



mais relevantes para o desenvolvimento do Brasil". No norte fluminense, região empobrecida do Estado do Rio de Janeiro, surgiria a Universidade do Terceiro Milênio, caracterizada por um "novo humanismo fundado nas ciências básicas, nas tecnologias dela decorrentes e em novas questões sobre a vida e sobre o homem que elas estão suscitando" (LIMA & ALVES, 2003: 28).

O imperativo era criar uma universidade que se diferenciava das demais. Segundo Darcy, o governador Leonel Brizola apoiou de imediato a recusa de fazer da Universidade Estadual do Norte Fluminense apenas mais uma universidade regional, destinada a formar profissionais de ensino superior que o funcionamento da sociedade local impõe. Se fosse esse o propósito não havia necessidade de se criar nada, uma vez que em Campos já existe uma dezena de cursos superiores, atendendo a mais de 3000 alunos, num universo de 300 professores. (RIBEIRO, 1993).

Observa-se, entretanto que o desejo de inventar e instituir a UENF teve a adesão da elite cultural campista e a sociedade como um todo, inclusive dos dirigentes das faculdades existentes, impôs "... o espírito de colaboração com base na compreensão profunda de que o melhor para Campos é criar-se ali uma verdadeira universidade moderna, capaz de funcionar como alavanca do desenvolvimento regional e nacional." (RIBEIRO, 1993:14)

Destarte, instituição muito jovem, sua implantação nasce da demanda da sociedade campista que, já na década de 1960, propunha que em Campos dos Goytacazes fosse instalada uma instituição de ensino superior pública. A década de 1980 foi ímpar, momento de redemocratização da sociedade brasileira e de amplo movimento de participação popular. Esse período, em Campos dos Goytacazes toma fôlego uma campanha pela instalação de uma universidade pública, uma vez que a constituinte de 1989 abria oportunidade de inclusão de emendas populares, com no mínimo 3.000 assinaturas. Logo um movimento de coleta de assinaturas com adesão de muitas pessoas da sociedade campista, bem como, instituições de ensino e serviços tomou às ruas. O documento foi entregue à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, contendo proposta de Campos sediar a Universidade Estadual do Norte Fluminense, sendo aprovada em 26 de setembro de 1989. Em 20-12-1989, pela Lei nº 1596, foram autorizadas pelo poder executivo estadual as providências legais e administrativas para a sua criação e implantação.



Assim, no início dos anos 1990, verificam-se amplos debates sobre a estruturação acadêmica da nova universidade a ser instalada, bem como, o espaço físico, a comissão de implantação e a dotação orçamentária. Foram realizadas reuniões para discutir o projeto de universidade e que se dá numa conjuntura política bastante favorável. Conjugavam-se os interesses do governo estadual e municipal.

Em 27 de fevereiro de 1991, pelo Decreto nº 16.357 por imperativo da Constituição do Estado do Rio de Janeiro, é concretizada a criação da universidade. O objetivo de sua instalação no estado do Rio de Janeiro era o de contribuir para alavancar o processo de retomada do desenvolvimento econômico e social das regiões Norte e Noroeste Fluminense. Seu processo de implantação data de 23 de dezembro de 1991, quando foi instituída junto à Secretaria Extraordinária de Programas Especiais, por meio do decreto 17.206, a Comissão Acadêmica de Implantação. O projeto, idealizado por Darcy Ribeiro (1993), visava garantir ao Estado do Rio de Janeiro uma universidade moderna capaz de dominar, transmitir conjunta e integralmente as novas ciências e tecnologias, como também, à região norte fluminense o instrumental teórico científico visando à qualificação profissional no atendimento das novas demandas do setor de petróleo e gás e a modernização do setor agrário.

Em julho de 1993, foram instituídos os Laboratórios e Centros de Pesquisa: Centros de Ciência e Tecnologia- CCT, Centro de Biociências e Biotecnologia- CBB, Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias - CCTA e Centro de Humanidades, hoje Centro de Ciências do Homem- CCH, tendo seu primeiro vestibular em três de junho de 1993. Em 28 de março de 1994, foi solenemente inaugurada, recebia 104 calouros, alunos de graduação, além de já contar com alunos de pós-graduação.

A estrutura da UENF é singular, sua organização interna não seguiria a forma ortodoxa de Departamentos, como as demais universidades que agregam professores da mesma área de formação. Seria formada por Centros de Pesquisa de áreas de conhecimentos abrangentes, que por sua vez seriam constituídos de Laboratórios, os quais reuniriam professores das mais diversas formações, que trabalhassem temas específicos ou correlacionados. Dessa forma, diferentes linguagens acadêmicas poderiam no mesmo espaço debater e dialogar de forma multidisciplinar, criar projetos conjuntos e enriquecer o olhar sobre o objeto de estudo (LIMA & ALVES, 2003: 37-38).



Dispõe de uma Casa de Cultura, o palacete Villa Maria, construído na década de 1910, e que foi doado em testamento pela proprietária, Maria Queiroz de Oliveira, para ser sede da Reitoria de uma universidade criada em Campos dos Goytacazes, traduzindo-se em importante centro cultural.

A trajetória histórica da UENF representa uma memória, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990: 423).

A Fotografia, Uma Memória Visual

Produzir uma narrativa sobre este momento singular me é muito cara, não só como parte da minha memória de tempos vividos, quanto ao acervo de imagens representativas desse momento histórico. Ao implantar um centro de memória na UENF, o CEM /UENF chamou-me atenção o registro fotográfico representativo de uma luta pela universidade em Campos dos Goytacazes, um corpus de imagem visual de aproximadamente 7000 fotos, expressão de debates, estratégias e ações que resultaram na universidade do III Milênio, projeto este que nasce do sonho de Darcy Ribeiro.

Assim que conjugar o desafio de Darcy Ribeiro, um projeto que veio ratificar uma perspectiva nova na educação, com a fotografia foi desafiador, impôs uma reflexão de vários discursos, da fotografia enquanto narrativa de um tempo vivido e do social pelos impactos traduzidos no desenvolvimento regional.

Já no século XIX, Campos dos Goytacazes vai se integrar ao circuito da fotografia como espetáculo da modernidade. Admirador da fotografia, desde o primeiro contato com o daguerreótipo, no início de 1840, o imperador Pedro II, em visita a cidade registrou várias cenas do centro urbano, constando várias fotos com imagens singulares e expressivas da cidadeⁱⁱ na coleção Tereza Cristina, da Biblioteca Nacional. A importância econômica, política e social de Campos servia de atrativo para fotógrafos como Victor Frond, Phillipe de Freitas e Revert Henrique Klumb, que percorreram a regiãoⁱⁱⁱ. Porém a presença marcante foi a do fotógrafo alemão Guilherme Bolckau, que se instalou na cidade em 1871, montando um estúdio



fotográfico à Rua Formosa, atuando no mercado como fotógrafo de retratos de família, de paisagens naturais e das construções urbanas.

Assim, a fotografia vai atrair todos os setores da sociedade, como é possível observar pela documentação iconográfica^v existente no município, uma série de fotografias em que sobressaem imagens das transformações urbanas, cenas de uma urbe moderna, cosmopolita, ansiosa por se ver reconhecida no nível regional e nacional. A fotografia constitui, pois um dos marcos da expressão da cultura e do cosmopolitismo da vida moderna da elite campista, sendo apropriada como parte de seu projeto político.

A inauguração de obras públicas, a remodelação da Praça São Salvador, a ampliação de ruas e avenidas são retratadas como representação político-social das elites campistas e constituíam um capital simbólico fundamental para o exercício do poder. Tais imagens, representativas da modernidade urbana, além de servirem para a projeção no cenário político-social fluminense, constituíam uma estratégia para se pleitear a capital para o município, além de servir de espaço estratégico de desenvolvimento regional, traduzido pela instalação de uma universidade pública e de qualidade na região.

Observa-se que assimilada pela elite e pelo poder público, já nos primeiros anos da República, como inovação técnico científica do século XIX, a fotografia em Campos dos Goytacazes ganha novos significados nas publicações impressas, jornais e revistas ilustradas. Apresentada como registro da realidade, ganhava credibilidade como testemunha das mudanças no cenário urbano, arquitetônico e social, refletindo os anseios da modernidade por parte de uma elite identificada com os padrões de sociabilidade e requinte da cultura europeia.

Segundo Mauad (1996) “a fotografia acompanha o mundo contemporâneo, registra sua história numa linguagem de imagens (...) grandes e pequenos eventos, personalidades, gente anônima (...) a intimidade doméstica, sensibilidades coletivas e ideologias oficiais”.

A produção visual tem merecido a atenção de pesquisadores das Ciências Sociais e da História, envolvidos com diferentes temas e objetos de análise (KNAUSS, 2006). É em meados da década de 1970 e notadamente nos anos 80 que podemos notar o aumento de pesquisas tendo por foco a investigação da fotografia em seu processo histórico, tanto quanto uma preocupação com a temática foto/fotógrafo na apropriação da coisa fotografada. Até então a bibliografia sobre o tema era bastante reduzida, com poucas obras de referência^{vi}.



Podemos afirmar ainda que, a partir dos anos 60, já ocorria uma revalorização da fotografia enquanto meio de expressão artística, com exposições em museus e abertura de galerias especializadas, além do crescente número de publicações e o surgimento de cursos, encontros, oficinas e seminários envolvendo diferentes aspectos da fotografia, não só realizadas no passado como no mundo contemporâneo.

Desde os seus primórdios a fotografia sempre se prestou a variados interesses e usos. Diferentes sujeitos com diferentes ideologias buscaram utilizar a imagem fotográfica como instrumento de veiculação e legitimação de representação social.

Dentro desse contexto é que nasce o Centro Memória UENF – CEM/UENF como lugar de guarda e preservação da documentação textual, imprensa, fotográfica e audiovisual entendendo que implantar um Centro Documental que envolve um “lugar de memória”(LE GOFF,1990), o CEM/UENF representa peça importante na construção da identidade individual e coletiva (HALBWACHS, 2004). Além de que, dar ao acervo visual o tratamento adequado e identificação necessária é fundamental para a preservação da memória da instituição, tornando possível a disponibilização do patrimônio histórico cultural da UENF à Comunidade e ao cidadão em geral.

Enfim, as transformações urbanas em Campos dos Goytacazes se colocaram como estratégias das elites locais em busca da afirmação da modernidade urbana e como construto da memória, produzida por meio de registros fotográficos, marcos da representação de uma cidade opulenta e civilizada capaz de ocupar o centro político e cultural no cenário fluminense, ser palco de grandes espetáculos culturais, além de sediar uma universidade pública, a Universidade do III Milênio. Memória construída como lócus da identidade representada pela singularidade urbana e pela sociabilidade de uma elite que buscava práticas sociais demarcadoras do seu prestígio social e político. Assim, reflete a determinação da preservação e difusão da memória coletiva e institucional, de modo a garantir o lugar das elites na política fluminense, contribuindo para a percepção dos atributos do poder.

Observa-se que o propósito de instalação de uma universidade na região Norte Fluminense é uma demanda antiga e reflete o momento histórico-social-cultural da cidade, demarcado pelo contraste entre a riqueza nos fins do século XIX, graças a prosperidade dos engenhos centrais e usinas o que trouxe uma urbanização precoce, uma modernização do espaço urbano marcado por uma sociabilidade nobiliárquica, resultando na grande importância de uma elite atuante na



vida cultural e política com desafios econômicos e sociais enfrentados pela região norte fluminense e, momentos de crise. Já na década de 1960 o município vai vivenciar uma crise social e econômica o que determina na década de 1980 a busca pela retomada do desenvolvimento econômico e uma saída para os problemas sociais, já agora, dentro de um novo patamar – a exploração do petróleo e de grandes complexos industriais.

Neste contexto é que nasce o movimento em prol da instalação de uma universidade pública garantidora do desenvolvimento da ciência e da tecnologia além de impulsionadora do desenvolvimento regional. O local escolhido foi Campos dos Goytacazes dada a sua tradição cultural e opulência urbana e participação em acontecimentos políticos e sociais refletindo uma intensa mobilização e campanha de adesão da população e da sociedade como um todo em defesa de uma universidade pública e de qualidade. Retomava o sonho do campista, uma perspectiva nova na educação, projeto desafiador que impôs uma reflexão da fotografia como registro visual de uma narrativa histórico-social, de um tempo vivido traduzido pelos impactos de projetos de industrialização nos moldes da modernidade, como exemplo o Complexo Portuário do Açú, e consequentemente o papel desempenhado pela universidade no alavancar o desenvolvimento regional^{vii}.

Assim, é fundamental a discussão do uso documental da imagem visual como importante na produção da História, em particular os registros visuais como desenho na pesquisa, “... os objetivos desse novo campo disciplinar incluíram na produção, circulação e consumo das imagens a interação entre o observador e o observado. Assim, aos estudos de manifestações “imagéticas” da cultura se acrescentou a necessidade de compreender os mecanismos variadamente localizados de produção de sentido – sentido dialógico, portanto socialmente construído e mutável e não pré-formado ou imanente à fonte visual” (MENESES, 2003: 16).

O importante acervo institucional está sendo disponibilizado à pesquisa e a pesquisadores das diversas disciplinas interessados na história e memória da universidade, depositado no Centro Memória UENF- CEM/UENF.

Referências Bibliográficas:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade Lembranças de Velho**. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.



CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria (Org.). **História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. Cap. 18. p. 401-417.

COUTO, Miriam Y. **Metodologia para Automação de Arquivos, Bibliotecas e Centros de Informação**. In: ACERVO, vol. 7, nº 12. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1994.

FILLIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar Coleções de Fotografias**. São Paulo, Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2002.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. ArtCultura, Uberlândia, v8, n.12, p.97-115, jan-jun, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LIMA, Lana L.G.; ALVES, Heloiza M. **UENF, a Universidade do Terceiro Milênio: Uma Memória (1993 – 2003)**. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2003.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. An. mus. paul, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, junho 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes Visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História: O Ofício do Historiador, São Paulo, v. 23, n. 45, p.11-36, jul. 2003. Semestral.

MUSTARDO, Peter. **Preservação de Fotografias: Métodos Básicos para Salvar suas Coleções**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

PAES, Marilena Leite. **Os Arquivos e os Desafios de um Mundo em Mudanças**. ACERVO, vol. 7, nº 01 / 02. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1994.

POLLACH, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, pp.3-15.



RIBEIRO, Darcy. **Plano Orientador da Universidade Estadual Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: UENF, 1993.

RIBEIRO, Darcy. **Universidade do 3º MILÊNIO**. Rio de Janeiro, 1993, v.1, 2, 3. **Boletim do Departamento de Patrimônio Histórico/ DPH, nº 3**.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004. 223p.

Relatório Técnico – Científico de Pesquisa FAPERJ Processo E-26/112.170/2012. PROJETO: **CENTRO DE MEMÓRIA DA UENF** Wania Amélia Belchior Mesquita, Junho de 2015.

NOTAS

ⁱ O Norte Fluminense, desde a década de 1960, tem enfrentado uma série de problemas, a pobreza, desemprego, êxodo rural explicado notadamente em função das forças políticas externas e de uma realidade decorrente do jogo das forças políticas internas, além da estagnação da agroindústria açucareira., fatores que constituiriam o alicerce da presença e reprodução de relações de exploração, sustentáculo da economia local. O esvaziamento econômico e problemas sociais paralelos aos recursos vultosos injetados na região impõe um amplo debate. Ver VIANNA, José Luís. *Análise do Perfil Ocupacional da População de Baixa Renda de Campos- RJ In: Acumulação e pobreza em Campos: uma região em debate, Seminário PUBLIPUR/UFRJ, 1986.*

ⁱⁱ O imperador D. Pedro II fez quatro viagens a Campos: em 1847, com o objetivo de conhecer o canal Campos-Macaé; em 1875 e 1878, a propósito de inaugurar a Usina de Barcelos e, em 1883, na inauguração da luz elétrica. Interessante observar que o imperador traça um roteiro de visita à região para sua filha Isabel e o marido, Conde D'Eu. Chama atenção para as construções, a praça principal e a cadeia. Descrevendo Campos, falando de suas instituições, o rio Paraíba, D Pedro II estabelece relações entre o cenário urbano e o registro fotográfico.(RODRIGUES,1998).

ⁱⁱⁱ Encontramos imagens de Campos feitas por Victor Frond, em *Brasil Pitoresco*, de Charles Rybeiroles e Revert Henrique Klumb. Coleção Tereza Cristina. Biblioteca Nacional.

^{iv} Encontramos imagens de Campos feitas por Guilherme Bolckau. Ver Coleção Leonardo Vasconcelos/ particular, Campos dos Goytacazes.

^v Coleção de fotos, que me foi gentilmente doada por Ana Lúcia Sanguedo, como também fotos digitalizadas gentilmente cedidas por Eduardo Nogueira, agradeço a inestimável colaboração para a pesquisa.

^{vi} Segundo Kossoy (2009), destacam-se como obras de referência importantes as de Josef Maria Edere, Wolfgang Baier, Georges Potonnié, Beaumont Newhall, Helmut Gernsheim, Gisele Freund, Robert Taft, Michel Braive.

^{vii} Ocupa a UENF o 11^a lugar no ranking das universidades do país, a primeira do Estado do Rio de Janeiro, se encontra em patamar mais elevado das universidades da América Latina no indicador de qualificação do corpo docente. Em no ano de 2012 consta no *ranking das universidades*, com índice de 100% de professores doutorados. Disponível em <http://www.uenf.br/index.php> .